

AS FRONTEIRAS DA CRIAÇÃO NO NOVO CURTA DE JORGE FURTADO

Embora já tenha em seu currículo quatro longas-metragens, Jorge Furtado é até hoje um nome identificado ao formato do curta, sobretudo por conta do enorme sucesso de *Ilha das Flores* (1989), certamente seu trabalho de maior repercussão. Com *Até a vista* (2011), seu filme mais recente, Furtado volta a canalizar as atenções em torno de seu talento como curta-metragista: é admirável a capacidade do realizador (que assina também o roteiro) de contar de forma tão sintética, dentro de padrões rigorosamente clássico-narrativos, uma história que caberia com tranquilidade em um filme de longa duração.

O curta, produzido pela Casa de Cinema de Porto Alegre, foi realizado para a série *Fronteras*, da TNT, um programa de nove episódios dirigidos por cineastas latino-americanos. Além de Furtado, foram chamados a brasileira Flávia Moraes, os mexicanos Jorge Michel Grau, Rubén Albarrán e Ángel Flores Torres, a peruana Claudia Llosa, o colombiano Simon Brand e os argentinos Ariel Guntern, Mariano Cohn e Gastón Duprat. Como indica o título, o tema central dos episódios gira em torno dos encontros e das diferenças que a ideia de “fronteira” sugere.

Até a vista segue à risca esse mote: o jovem Fernando (Felipe de Paula), cineasta gaúcho em início de carreira, viaja até Buenos Aires para conhecer Borges Escudero (Salo Pasik), um velho escritor portenho. O intuito de Fernando é comprar os direitos de adaptação para o cinema de um de seus romances. Escudero, no entanto, faz uma contraproposta inusitada: em vez do dinheiro, ele pede que o rapaz o leve até Belém para reencontrar uma amante, Aneci (Dira Paes). A inversão de expectativa acaba por transferir a noção de fronteira para o interior do próprio país em que vive Fernando. Afinal, para o jovem gaúcho a Argentina está logo ali; é a quase inacessível Belém que se afigura de fato como uma “terra estrangeira”. Já Escudero não vê as coisas dessa maneira: embora distante, Belém continua sendo Brasil.



Mas não é tanto a discussão cultural e geográfica que interessa a Furtado, e sim as implicações subjetivas que a palavra “fronteira” contém. Daí o constante jogo de oposições e complementaridades que *Até a vista* propõe a partir do encontro entre o velho escritor e o jovem cineasta. A convivência com Escudero cria em Fernando alguns impasses, o principal deles sendo a própria ideia de levar ao cinema um romance que se apoia fundamentalmente na imobilidade de um personagem central. Durante a viagem, Fernando expõe a Escudero algumas ideias para o roteiro, com cenas de ação e *flashbacks*. Só consegue despertar a indignação do escritor, pois tudo isso seria trair o romance. Para Escudero, o filme deveria saber passar todo o universo interior do personagem somente com o *close* de um rosto imóvel e enigmático.

A “fronteira” que preocupa Furtado é justamente essa, a que se interpõe entre a literatura e o cinema. *Até a vista* resolve bem essa questão. Trata-se de um *road movie* narrado em primeira pessoa pelo próprio Fernando, solução ao mesmo tempo literária e cinematográfica que não impede o dinamismo do filme: a base da história é justamente o deslocamento de dois personagens em uma viagem ao mesmo tempo iniciática (para Fernando) e nostálgico-sentimental (para Escudero).

Seja pela maturidade de Furtado como diretor, seja pelo humor das situações ou pela leveza da narrativa, *Até a vista* é um filme que cativa a simpatia do espectador. Como foi dito no início deste texto, seu argumento poderia ser perfeitamente adaptado para um filme de longa-metragem – eis aqui uma outra espécie de “fronteira”, bastante arriscada por sinal. São poucos os que, como *Até a vista*, conseguem transitar por ela com tanta desenvoltura e segurança. ■

(Veja o curta em www.filmecultura.org.br)